

ESPECULAÇÕES SOBRE O HAXIXE: A EXPERIÊNCIA PSICODÉLICA DE WALTER BENJAMIN

Ronney César F. Praciano

RESUMO

Nosso objetivo nesse artigo é expor algumas impressões que Walter Benjamin (1892-1940) teve de sua experiência com o haxixe. Considerar-se-ão as possíveis consequências e relevâncias desses estados alterados de consciência para a filosofia, na medida em que serão problematizadas as noções de tempo, espaço e alguns detalhes da percepção. Desse modo, a experiência psicodélica, dentre elas a do haxixe, possui um valor cognitivo e criativo para o homem de conhecimento.

Palavras-chave: Haxixe, Benjamin, psicodélico, estados alterados de consciência.

SPECULATIONS CONCERNING HASHISH: THE PSYCHEDELIC EXPERIENCE OF WALTER BENJAMIN

ABSTRACT

The aim of this article is to convey some impressions that Walter Benjamin (1892-1940) had in his experience with hashish. These altered states of consciousness are to be considered according to their consequences and relevance to philosophy. Thus, the psychedelic experience, among them the hashish's, could have a cognitive and creative value for the intellectual.

Keywords: Hashish, Benjamin, psychedelic, altered states of consciousness.

Introdução

Desde tempos imemoriais que o homem parece buscar meios de transcender os limites ordinários do campo de sua consciência. Dentre outros, o uso de substâncias psicoativas foi e continua sendo um dos métodos mais utilizados pelo homem, independentemente das diferenças culturais ou naturais sob as quais ele se encontra. Provavelmente, o uso da *cannabis* remonta até o século 28 A.C. por parte dos chineses, quando essa erva era utilizada como um anestésico natural. Porém, é por meio dos relatos de seu uso pelos indianos, que datam a partir de 1000 A.C., que nos é apresentada a sua característica mais interessante. Os efeitos da *cannabis* eram associados ao aspecto esotérico da religião hindu. A erva era vista como um fator fundamental da espiritualidade e experiência direta com a transcendência, de modo que o seu efeito sobre o espírito pode vir a suscitar importantes considerações filosóficas.

Sabe-se que a *cannabis* adentra na Europa pontual e paulatinamente, principalmente após a ida de Napoleão ao Egito, o que gerou a aproximação e o fascínio de uma nova cultura por parte dos Europeus. O Haxixe finalmente despontou em meio aos pensadores da Europa no século XIX, principalmente entre os intelectuais e artistas que em geral buscavam, através da substância psicoativa, a exploração de um novo campo de experiências para a criação de suas obras. Isto representava a abertura de novos caminhos que possibilitassem o acesso às esferas inconscientes do espírito. Grande parte desse interesse estava relacionado às influências orientais na Europa, ao romantismo e à curiosidade crescente pela psicologia e parapsicologia. Como o haxixe, e do mesmo modo o ópio, não eram substâncias proibidas, eles puderam ser facilmente obtidos pelos intelectuais interessados em perspectivas não usuais. Na França, alguns célebres escritores como Balzac, Dumas e Baudelaire faziam parte do famoso *Club des Haschischins* onde experiências com o haxixe eram conduzidas semanalmente.¹

Chegando à França, talvez o país onde o uso do haxixe foi mais intenso a partir de 1840, aproximamo-nos do objeto de nosso trabalho. Afinal, baseados no

¹ MCKENNA, *O Alimento dos Deuses*. Editora Record. Rio de Janeiro: 1995. As referências históricas que aqui utilizamos foram extraídas desse livro, cuja análise histórica das drogas se reverte de uma importância fundamental para compreendermos a tolerância e intolerância de cada período cultural com certas substâncias.

texto *Sobre o Haxixe e outras drogas*², consideraremos aqui os efeitos psicoativos relatados por Walter Benjamin (1892-1940) em suas experiências com a *cannabis*. Esperamos que possamos extrair desses estados alterados de consciência um conteúdo de valor e significado para o pensamento filosófico, mesmo que o façamos apenas alusivamente. Nossa exposição concentrar-se-á em aspectos fenomenológicos da experiência com a droga, ou seja, o conteúdo aqui desdobrado corresponde às impressões subjetivas que um importante filósofo relatou. Entretanto, não deixaremos de nos remeter a outros relatos clássicos da literatura sobre as drogas, buscando entre eles um ponto em comum que possa transcender a mera impressão individual. Assim, o caráter subjetivo das experiências não diminui nosso interesse cognitivo acerca dos seus conteúdos. Ao contrário, compartilhamos da ideia de que o uso de substâncias psicodélicas pode ser de interesse especial para o intelectual e o artista em geral.

Enfim, o haxixe e outras drogas...

É raro vermos um filósofo dedicar sua atenção aos efeitos psicoativos que determinadas substâncias podem ocasionar. Geralmente elas são marginalizadas do âmbito do pensamento e relegadas apenas a um plano recreativo. Porém, esta postura é relativa à nossa cultura materialista e consumista, que não vê nos estados não ordinários de pensamento qualquer valor para a vida do homem, já que esses estados não objetivam a ação interessada ou a vantagem prática. Ao contrário, é justamente no fato destas experiências psicodélicas momentaneamente nos afastarem do interesse útil, e, por conseguinte, conduzirem nossa atenção para a vida interior, que reside o seu valor especulativo. Tais substâncias, dependendo do temperamento e da intenção do indivíduo, podem contribuir para o interesse do pensador que procura em si a fonte de experiências transformadoras e significativas, tanto no plano cognitivo, quanto no plano dos afetos.

Podemos dizer que a experiência de Walter Benjamin com o haxixe foi um desses conjuntos de impressões que, para o intelectual, não poderia ter sido mais dotada de *insights* e compreensões diretas de determinados fenômenos do âmbito

² BENJAMIN, *Imagens de Pensamento, Sobre o Haxixe e outras drogas*. Tradução de João Barrento. Autêntica. São Paulo, 2013, p. 190.

espiritual. Pelo menos é o que nos leva a supor as suas próprias palavras, presentes em uma carta de 26 de julho de 1932 endereçada a Scholem. Aqui Benjamin expressa o seu interesse pelo haxixe, ao ponto de citar o projeto de um livro que pretendia escrever baseado nos efeitos da substância. Falando sobre “*planos inacabados e abandonados, destacam-se quatro livros que assinalam o autêntico depósito de escombros e catástrofes a partir do qual não descortino limites quando deixo os olhos abarcar os meus próximos anos. São eles as Passagens de Paris, os Ensaios completos sobre literatura, as Cartas e um livro de extrema importância sobre o haxixe. Este último tema está no segredo dos deuses e por enquanto deve ficar apenas entre nós*”.³

Apesar da promessa do livro, o que temos em mãos a fim de coletarmos as impressões dessas misteriosas experiências, é o texto *Haxixe em Marselha*, o único dentre os vários protocolos de experiências com drogas que foi publicado. Experiências que foram conduzidas durante alguns anos, dentre 1927 e 1934. Benjamin também contou com a participação de figuras importantes como o filósofo Ernest Bloch e os seus amigos médicos Ernest Joel e Fritz Frankel. No entanto, foi Benjamin quem se encarregou de redigir algumas de suas viagens com o haxixe, o ópio e a mescalina.⁴

A peculiaridade dos efeitos psicodélicos se mostra na importante condição de sua relação com o ambiente e com o estado de espírito do indivíduo. Os fatores exteriores e internos são talvez ainda mais importantes do que a própria droga para a qualidade da experiência. Na ocasião do uso nas ruas de Marselha, podemos imaginar que Benjamin derivou um conjunto de impressões únicas e cambiáveis conforme os lugares e sua relação para com eles. Um dos aspectos que primeiramente se apresenta é uma espécie de alargamento da benevolência. O indivíduo é tomado por um bem estar e uma tranquilidade que parecem se expandir para além dele mesmo, estendendo-se a todos os passantes e circundantes. Como se os demais homens pudessem entender a sensibilidade de seu estado (ou você pudesse compreender a sensibilidade do estado deles). Esse elemento de curiosidade moral que, no caso de Benjamin, era fruto do meio social e do espaço

³ BENJAMIN, 2013, p. 190.

⁴ Ibidem, p. 191.

aberto no qual estava pelas ruas de Marselha, geralmente antecipa os demais efeitos.

Além desses primeiros sintomas emotivos, começam a surgir as importantes variações de *espaço* e *tempo*. A dilatação de um e de outro nos levam a notar primeiramente a forte determinação dessas condições sobre o nosso entendimento e humor. “Agora se fazem sentir as exigências de tempo e espaço que o fumante do haxixe experimenta. E, como se sabe, são absolutamente régias essas experiências. Para quem fumou haxixe, Versalhes ainda é pequeno, e a eternidade não lhe basta. E no plano de fundo dessas dimensões imensas da vida interior, da duração absoluta e do espaço incomensurável, instala-se agora um maravilhoso e sereno humor tanto mais quanto maiores as contingências de tempo e espaço”.⁵

Uma consideração interessante acerca da determinação do ambiente e das circunstâncias sobre as noções espaciais pode ser notada quando, em outra experiência, agora em um lugar fechado como num apartamento, a sensação é de que os espaços estão jogando com a percepção do indivíduo. Ora há movimento, ora há estaticismo, como se a mente pudesse se locomover, ao mesmo tempo, pela sala contígua, e todo o espaço se mostrasse a ela de uma só vez, assim como os eventos que ocorrem em seu domínio. Essa sensação não deixa de ser tomada pelo sentido do nada, como se a plenitude dos eventos fosse abocanhada pelo vácuo, mas não de modo deprimente ao indivíduo, como se o vazio representasse a inexistência e a ausência de sentido, mas sim como se ele mesmo participasse e entendesse da emergência do não-ser.⁶

É curioso notar como a expansão ilimitada que o espaço vai ganhando, onde tanto faz estar “aqui” ou em qualquer outro lugar, onde até mesmo a noção de lugar revela-se desprovida de sentido, é acompanhada de uma solidariedade com o vazio. É como se a ausência das determinações espaciais comuns acarretasse no sentimento de que nada ocupa uma posição privilegiada. Como se nenhum evento fosse mais ou menos importante que outro, de modo que, todos os eventos nos parecem iguais e poderiam se dar todos ao mesmo tempo. Benjamin se refere a esse estado de espírito como uma “cumplicidade com o não ser” e, numa referência ao estado máximo de iluminação budista, refere-se a ele também como um “aceno

⁵ Ibidem, p. 136.

⁶ Ibidem, p. 145-146.

ambíguo que vem do nirvana”.⁷ A noção alterada do espaço, despertando a indiferença do espírito acerca dos seus momentos e o nivelamento de seus acontecimentos, faz-nos pensar que “o mundo seria sempre o mesmo (todos os acontecimentos poderiam ter-se dado no mesmo espaço)”.⁸

Aliada à forte sensação do espaço, com seus jogos de ideias e sentimentos peculiares, há ainda a decisiva expansão do tempo. Estas condições determinantes de nosso modo ordinário de perceber o mundo, sofrem uma mudança tão significativa com o haxixe que não há como deixar de refletir acerca da necessidade que geralmente concedemos a tais categorias. Devido ao nosso interesse prático de agir sobre a matéria (interesse que impera em nossa existência, caso contrário, não teríamos sobrevivido como espécie), é normal que tenhamos de extrair da realidade determinações muito precisas e que, por isso, tendamos a converter todo e qualquer movimento em partes estáticas e sucessivas. A fixidez do objeto e a sua sucessão em relação a outros objetos estáveis são condições que tornam possíveis a nossa ação sobre as coisas. Daí advém uma certa determinação espacial e temporal. As sensações de tempo e espaço talvez estejam ligadas à necessidade de nossa ação sobre a matéria. Estabilizando os objetos e justapondo-os, temos uma certa configuração do espaço; percebendo a sucessão entre eles, extraímos daí uma noção de temporalidade.

Porém, quando nossa atenção não mais se encontra voltada para a ação ou o interesse prático, ou seja, quando a percepção da realidade não está mais preocupada em estabilizá-la para poder agir sobre ela, talvez, conseqüentemente, as noções usuais de tempo e espaço se comprometam. Nesse caso, podemos notar que a percepção de tais noções se mostra alterada pelo haxixe, ou seja, por uma substância psicodélica que nos desperta interesses mais intelectuais ou especulativos. “Pareceu-me que não tinha vontade nenhuma de conversar sobre coisas práticas [...]. Estamos apegados à esfera intelectual como por vezes alguns obcecados ao sexo, somos absorvidos por ela”.⁹ Desse modo, já podemos notar uma distinção de interesses que muda significativamente conforme a natureza das nossas percepções. O haxixe desloca nossa atenção do âmbito prático para o

⁷ Ibidem, p. 146-147.

⁸ Ibidem, p. 150.

⁹ Ibidem, p. 144.

especulativo, da espacialidade externa para a duração interna, dos objetos exteriores para o interior de nós mesmos.

Uma concepção fundamental de que as noções de tempo e espaço dependem da qualidade das nossas percepções, pode ser corroborada por outro importante texto sobre o haxixe. Em *O Poema do Haxixe* de Baudelaire, “podemos notar o aumento monstruoso do tempo e do espaço, duas ideias sempre conexas [...], e que esse aumento tirânico se aplica a todos os sentimentos e a todas as ideias”. “Pois as proporções do tempo e do ser estão completamente alteradas pela multidão e pela intensidade de sensações e de ideias”.¹⁰ Ora, isto nos leva a pensar que as sensações do tempo e do espaço estão plenamente relacionadas com a percepção dos objetos e das suas relações.

A velocidade e multiplicidade das imagens do haxixe acabam por dilatar a sensação do tempo, fazendo-o transcorrer de modo insensível. O indivíduo não sabe se se passaram horas ou dias desde que ingeriu a substância. Assim, notamos “a incapacidade de organizar dimensões de tempo maiores”.¹¹ Do mesmo modo, o espaço acaba cedendo, pois suas fronteiras, antes determinadas por objetos fixos e justapostos, acabam cedendo frente ao movimento incessante das imagens. Vemos então que, alterando a sensação dos objetos, qualitativa e quantitativamente, há uma decorrente alteração nas condições espaço-temporais de sua ocorrência à mente. Mas, isso só se torna possível quando nós nos desinteressamos da ação sobre os objetos. O haxixe, assim como outras substâncias, parece deslocar justamente esse interesse.

Como adentramos na natureza das percepções que o haxixe desperta, torna-se necessário considerar as imagens emergentes desse estado atípico. Podemos dizer que a característica fundamental das visões é dominada pelo padrão ornamental. “*Sabe-se que, se fecharmos os olhos e pressionarmos levemente as pálpebras se geram figuras ornamentais sob cuja forma não temos qualquer influência. As arquiteturas e constelações espaciais que vemos sob o efeito do haxixe têm, na sua origem, semelhanças com isso. Quando e em que forma elas surgem não depende de nossa vontade, por que elas aparecem repentinamente e*

¹⁰ BAUDELAIRE, *Paraísos artificiais*. Tradução de Alexandre Ribondi. Coleção L e PM POCKET. Porto Alegre: 2007, p. 38 e 54.

¹¹ BENJAMIN, 2013, p. 148.

sem se anunciarem. Depois, quando já as vemos, intervém a fantasia lúdica consciente, que toma com elas algumas liberdades".¹²

É interessante notar que a profusão dessas imagens¹³, que parecem implicar ordem geométrica e estruturas simétricas, ocorre à mente como se elas já estivessem lá, como se no domínio do inconsciente as imagens não deixassem de ser produzidas e existissem junto aos objetos que constantemente experienciamos no dia a dia. Agora, com o transe do haxixe, tais padrões saltam à percepção consciente e independem da vontade do indivíduo, sendo muito difícil controlar as suas aparições e formas. Revelam-se como um conteúdo gratuito de fluidez imagética, assim como de apreciação estética devido ao seu imenso encantamento e ao estranhamento que não escapam à consciência estupefata. "Provavelmente, essa produção de imagens faz emergir coisas tão extraordinárias e de forma tão fugidia e rápida, que nós, simplesmente devido à beleza e à estranheza dessas imagens, não conseguimos deixar de lhes dar atenção [...] No essencial, eram imagens de objetos. Mas muitas vezes com uma componente fortemente ornamental [...] Mas também imagens muito exóticas e inexplicáveis como as que conhecemos dos quadros dos surrealistas".¹⁴

Curiosamente, também com o ópio essas imagens acompanhadas de sentimentos e ideias peculiares se apresentam à consciência. Nesse caso, essas imagens revelam ainda mais a ambiguidade entre o estranhamento por um lado, e, por outro, a sensação de maravilha extraída do conhecimento do que antes permanecia velado. É como se o conhecimento, nesse caso, não consistisse na adequação de algo novo aos pressupostos antigos já conhecidos. Não se trata de, mediante a determinação natural do intelecto, adequar às premissas dadas e conhecidas o novo elemento desconhecido. Ao contrário, a qualidade das imagens percebidas conserva a sua natureza irreduzível a tudo o que nós podemos supor familiar em relação ao intelecto. Aí reside a sua característica fortemente estética, ou

¹² Ibidem, p. 147.

¹³ Vale lembrar que na experiência com a mescalina Aldous Huxley, em seu clássico livro *As portas da Percepção*, também chama a atenção para esse padrão ornamental e geométrico que despontam à percepção consciente na experiência psicodélica. Ver HUXLEY, Aldous. *As Portas da Percepção e o Céu e Inferno*. Tradução de Osvaldo de Araújo Souza. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1971.

¹⁴ Ibidem. p.158.

seja, sensível, não captada pelo entendimento, mas por uma percepção direta do objeto.

Vê-se ainda que, mediante o auxílio do ópio, as lembranças desinteressadas podem emergir nesses transes da consciência alterada, surgindo daquele vasto ornamento. Assim, temos “a consciência de, com a sua (do ópio) ajuda, penetrar de repente naquela superfície oculta, em geral inacessível, que é representada pelo ornamento. É sabido que este nos envolve por quase toda parte. E, no entanto, é uma das coisas em relação à qual a nossa capacidade de percepção mais falha. Em geral mal damos conta por ele. Na experiência do *crock*,¹⁵ pelo contrário, a sua presença ocupa-nos de forma intensa. E vai tão longe que nós, com grande prazer, extraímos do ornamento aquelas experiências que tivemos nos anos de infância ou com febre”.

Ao se referir a esse caráter mágico de nos remeter às impressões da infância, não podemos deixar de fazer alusão ao célebre relato sobre o ópio de Thomas De Quincey (1785-1859) cujas *Confessions*¹⁶ ressaltam essa influência notável da droga sobre a memória. De Quincey nos apresenta o raro fenômeno de, em extraordinárias ocasiões, vermos todos os momentos da nossa vida decorrer frente à nossa mente, em seus detalhes mais insignificantes e sentimos que tudo faz sentido. Tal acontecimento ele diz ter experimentado com uso abusivo do ópio. “Os incidentes mais momentâneos da infância ou as cenas esquecidas dos últimos anos eram frequentemente revividos em sonhos como intuições”.¹⁷ Esse fenômeno ímpar pode sugerir-nos que tudo está na mente, que a memória não deixa de conservar todo o passado, de modo que, na ocasião precisa, todo ele é resgatado pela consciência e experienciado novamente.

Ainda considerando as particularidades da experiência com o ópio (em alguns aspectos, com efeitos muito semelhantes aos do haxixe), apontamos para uma característica significativa dessa substância. Há uma pluralidade de significações, ideias e imagens que emergem da contemplação de qualquer objeto, cenário ou

¹⁵ Nome dado ao ópio por parte dos indivíduos que copunham o grupo que, junto com Benjamin, submetiam-se à experiência do uso de drogas. Igualmente, esses encontros eram chamados por eles de *fête*. *Fête* eram as sessões nas quais se fumava o *crock*, ou seja, o ópio. Ver Benjamin (2013), p. 161.

¹⁶ DE QUINCEY, *Confissões de um comedor de ópio*. Tradução de Ibanez Filho. L e PM POCKET. Porto Alegre: 2007, p.128-129.

¹⁷ *Ibidem*, p. 128.

quadro específico. Essa *plurissignificação do ornamento* parece ser consequência da liberação de certos conteúdos da consciência que estavam antes abafados pela sua condição comum e ordinária de processamento, assim como, por seus interesses habituais da ação útil. É como se, por meio do olhar de um único objeto, a consciência fosse tomada e povoada de uma multiplicidade de sentidos, ideias e sentimentos dos quais nem desconfiava até então. Tamanha parece ser a riqueza insuspeitada da percepção interior que, através do auxílio de um instrumento como esses, pode emergir à mente do intelectual ou do artista. “O fumante do ópio ou do haxixe tem a experiência do olhar que é capaz de encontrar cem lugares diferentes num único”.¹⁸

Acerca desse efeito incomum do pensamento, Benjamin se expressa com muita clareza, comentando que o ópio possui “sua incansável capacidade de retirar de uma única realidade – por ex. um cenário ou a representação de uma paisagem – uma pluralidade de aspectos, conteúdos e significados. Noutro lugar referiremos ao fato de essa possibilidade de interpretações plurais, que tem no ornamento o seu fenômeno originário, ser apenas um outro aspecto da singular experiência identitária que se abre com o recurso ao *croak*”.¹⁹ Vemos que Benjamin trata da pluralidade interpretativa como um aspecto da chamada *experiência identitária*, da qual ele promete tratar em outra ocasião. Ao longo do texto essa noção não parece ser apresentada novamente e sua significação não é oferecida pelo autor. Entretanto, conjecturamos que o sentimento de identidade pode estar relacionado à despersonalização, fenômeno que alguns indivíduos reportam na experiência psicodélica.

Em relação a esse sentimento experimentado mediante o haxixe, Baudelaire talvez tenha nos dado uma excelente descrição: “Acontece, às vezes, de desaparecer a personalidade, e a objetividade, que é própria aos poetas panteístas, desenvolve-se de modo tão anormal que a contemplação dos objetos externos faz com que você esqueça a sua própria existência e confunda-se, em seguida, com eles. Seu olhar se fixa em uma árvore harmoniosa curvada pelo vento. Em alguns segundos, o que seria para o cérebro de um poeta apenas uma comparação bastante natural torna-se realidade para o seu. Primeiramente, você empresta à

¹⁸ BENJAMIN, 2013. p, 165.

¹⁹ Ibidem. p. 162.

arvore as suas paixões, seus desejos ou sua melancolia; os gemidos e as oscilações tornam-se seus e, logo, você é a árvore”.²⁰ Ora, a objetividade aqui referida é experienciada como uma sensação de unidade com o objeto, ou, poderíamos dizer de identidade, onde as fronteiras usuais entre o sujeito e o objeto são rompidas. Podemos dizer que o eu e o não-eu acabam por se fundir numa *experiência identitária*, da qual uma de suas conseqüências consiste na pluralidade de significações. O indivíduo não mais se basta em seus limites ordinários, transcendendo temporariamente seu isolamento na identificação com as coisas exteriores. Daí um objeto possuir uma variedade de sentidos, e não apenas aquela do interesse da consciência comum de servir-se dele. Talvez aqui estejamos num âmbito distinto de conhecimento, qual seja aquele que é próprio da intuição e, do qual, algumas filosofias consideram como superior ao mero intelecto.

Voltando às imagens do transe, uma qualidade que assalta completamente a atenção da consciência é a cor²¹. As cores passam a ter uma intensidade e brilho fora do comum, revelando-se como a própria realidade. O indivíduo sente que pela primeira vez percebe o aspecto cromático das coisas (ou será que as coisas é que passam a ser o aspecto das cores?) e tende a perscrutar a natureza da cor, caso seja dado às investigações abstratas. No domínio da experiência psicodélica, a cor se confunde com a matéria e, ainda mais, ela parece ser até mesmo aquilo que faz como que o mundo material se apresente. Sobre essa peculiaridade das cores, Benjamin relata: “Pareceu-me que aquilo que as distinguia era o fato de elas terem forma e se fazerem perfeitamente idênticas à matéria sobre a qual se mostravam. Mas o fato de se mostrarem iguais sobre as diversas matérias – por exemplo uma pétala ou uma folha de papel – tornava-as intermediárias ou mediadoras dos domínios da matéria; só por meio delas os mais afastados se podiam unir perfeitamente uns aos outros”.²²

²⁰ BAUDELAIRE, 2007, p. 37.

²¹ Voltamos a lembrar aqui a experiência de Huxley com a mescalina. Há mais um paralelo nesses estados alterados da mente, ou seja, a peculiaridade cromática. Huxley chama a atenção para a prevalência das qualidades secundárias (sensoriais) sobre as primárias, tal como John Locke (1632-1704) as define e classifica. Huxley define a experiência como uma espécie de Onisciência. “Poder-se-ia dizer que para a Onisciência, os chamados caracteres secundários das coisas seriam os principais. Contrariamente à Locke, ela consideraria as cores dos objetos como mais importantes e, pois, merecedoras de maior atenção que suas massas, posições e dimensões”. HUXLEY (1971), p. 14.

²² BENJAMIN, 2013, p. 163.

O interessante dessas alucinações é que, para o sujeito da experiência, elas possuem uma força e autoridade impositivas, não sendo, por ele, consideradas como um feixe de ilusões. A alucinação é *real* no momento de sua experiência e o indivíduo ainda conserva, durante algum tempo, uma forte impressão em sua memória. O que foi experienciado sob o efeito da substância é sentido como algo que já estava ali, embora não tenhamos notado até então. Impõe-se sobre nós a certeza de que adentramos em um reino de dinâmica própria, que independe das nossas condições de percepção e dos nossos interesses. É como se pudéssemos momentaneamente penetrar no âmago da realidade. A alucinação corresponde aqui a uma expansão da percepção e do pensamento, de modo que nossa consciência pode ver tanto o objeto, como a si mesma sem o constrangimento que usualmente a restringe nos interesses comuns e práticos.

Para o intelectual, os pensamentos e *insights* desabrocham numa inédita compreensão do objeto. “A sensação de entender muito melhor Poe nessa situação. Parece que se abrem os portões que dão entrada para um mundo do grotesco. Eu é que não queria entrar”.²³ O homem de pensamento se vê agora em posse de um conhecimento direto, em primeira pessoa, como se pudesse compreender a própria intenção do pensador ou do artista frente à sua obra. Parece que finalmente nos transportamos para o mesmo reino de inspiração, para o mesmo fluxo de criatividade do qual os grandes pensamentos se originaram. É provável que essa disposição estivesse presente em Benjamin quando ele nos diz que, contemplando a feiura das faces dos transeuntes em Marselha, pode entender como um pintor extrai daí o conteúdo de suas belas obras. Também, ao visualizar do alto de um restaurante a praça lá fora com os passantes habituais, parece ter compreendido o modo de ver dos grandes paisagistas que adequavam uma coluna ou uma janela conforme o personagem que a enquadrava.²⁴

Percebemos aqui uma experiência significativamente estética. Nesse caso, não só nos colocamos na perspectiva do artista ou do pensador, fruindo do seu manancial de inspiração; mas, também, percebemos a nós mesmos como um novo ser, como um fruto original de criação. No caso de Benjamin, é assim que ele se refere ao prazer oriundo de sua prosa. “Um prazer que tem afinidades profundas,

²³ Ibidem, p. 144.

²⁴ Ibidem, p. 137-139.

quer com o do êxtase, quer com o da criação [...] desfrutamos dessa felicidade do descobridor [...] Essa certeza que nos é dada pelo novelo engenhosamente enrolado que nós desenrolamos – não será essa a felicidade de toda produtividade, pelo menos daquela que tem forma de prosa? E no haxixe somos seres de prosa e de prazer da mais alta potência”.²⁵

Por fim, há dois aspectos relevantes a serem ressaltados na experiência psicodélica em geral, e no transe do haxixe em particular. Primeiro, trata-se da relação do indivíduo com a linguagem. Parece que a profusão de imagens, ideias e sentimentos que emergem à consciência do indivíduo superam e transcendem demasiadamente as determinações linguísticas. Logo, a linguagem perde completamente a sua força, utilidade e significado, determinações tão fundamentais para o pensamento ordinário. À intensidade da consciência alterada pelo haxixe, contrapõe-se o pensamento discursivo e toda a lógica usual do domínio linguístico. Parece que os conteúdos tomam uma nova natureza, qualidade, relação ou forma, escapando à tentativa de posse da realidade que o intelecto comumente empreende por meio dos nomes, verbos e adjetivos. Como a linguagem parece encontrar-se numa relação simbiótica com o pensamento, a conseqüente alteração das condições intelectuais comuns acaba por comprometer a própria validade do discurso e da análise.

No entanto, e o que é mais significativo, esse desenredar-se das malhas da linguagem não implica na incompreensão da experiência. O estado alterado da consciência é plenamente compreendido pelo sujeito, de modo que sua realidade faz ainda mais sentido e possui maior grau de certeza que aquela mediada linguisticamente. Os objetos se fundem ao sujeito e lhe falam de um modo direto. Há aqui uma completa compreensão muito semelhante à visão ou intuição interior. Parece até que o pensamento discursivo impossibilitava um gênero de conhecimento mais elevado e especulativo; impedia uma coincidência do sujeito com o objeto, de modo que as próprias distinções entre o conhecedor e o conhecido tornam-se abstratas, irreais e relativas ao domínio discursivo. Fora do âmbito linguístico gera-se um conhecimento especial e repleto de significado que era até então insuspeitado pela consciência ordinária. Ademais, além de a linguagem não

²⁵ Ibidem, p. 140.

ser absolutamente necessária para a plenitude do sentido e da consciência da experiência, sempre que ela se apresenta nesse caso, acaba por desencantar e obstruir a clareza de um conhecimento direto e intuitivo. “O objeto de nossa atenção murcha subitamente, mal a linguagem lhe toca”.²⁶

Não só o indivíduo deixa de acompanhar suas próprias experiências linguisticamente, mas até mesmo a conversa com um companheiro de experiência se torna difícil de manter. É inclusive desagradável, nesse estado, ter de acompanhar os pensamentos dos outros, eles parecem embotar a experiência e suprimir dela aquilo que há de mais essencial, ou seja, o seu caráter fortemente introspectivo. “Mal o parceiro abriu a boca e já nos desapontou enormemente. O que diz fica infinitamente aquém daquilo que lhe teríamos concedido e em que teríamos acreditado com imensa alegria se ele tivesse ficado calado. Ele causa-nos um doloroso desapontamento porque nos desvia do mais importante objeto de nossa atenção: nós próprios”.²⁷

Isto não implica que toda e qualquer relação se comprometa, mas que se instaura uma nova maneira dos indivíduos compartilharem suas experiências. Trata-se de uma conversa sem linguagem, determinada por uma cumplicidade de ideias e sentimentos, daí ser importante a condução da experiência entre pessoas com interesses e temperamentos consoantes. Nesse caso, o usufruto do haxixe em comum pode vir até a ocasionar uma espécie de entendimento imediato, quase telepático, entre duas mentes; ou, há pelo menos a impressão de que assim se passa. “Logo, as harmonias de ideias tornam-se tão vagas, o fio condutor que liga seus conceitos, tão fino, que apenas seus cúmplices podem compreender você. E ainda, sobre este assunto e deste aspecto, não há meio de verificação; eles talvez acreditem compreendê-lo e a ilusão é recíproca”.²⁸

Por outro lado, o segundo aspecto que se impõe ao sujeito é a presença de uma lassidão imensa. Se há algo que o haxixe não está interessado é no plano da ação. Tornamo-nos quase inteiramente introspecção, contemplação, intelectualidade. Mas, é justamente por nos desvincularmos do interesse útil e da vantagem prática, que há a possibilidade de que todo o conteúdo da experiência não

²⁶ Ibidem, p. 149.

²⁷ Ibidem, p. 148.

²⁸ BAUDELAIRE, 2007, p. 26.

ordinária se apresente à mente. Desse modo, devido à pusilanimidade “a expressão do semblante fica mais pobre, apesar de haver uma vida interior mais intensa”.²⁹ Há uma certa fraqueza do querer, mas tal afrouxamento da vontade não implica numa depravação do eu, ou da autonomia (ambos talvez sejam meros preconceitos do intelecto dominador), mas sim numa abertura de conteúdos subscientes que provavelmente através da tendência à passividade chegam a vir à tona.

Assim, não só no domínio social e na convivência o haxixe pode vir a atuar gerando um compartilhamento entre os indivíduos, mas, de modo mais intenso, pode fazer da solidão e da introspecção dádivas para homens e mulheres dados ao trabalho do pensamento e da inspiração criadora em geral. Desse modo, os estados alterados da mente parecem ser de valor para a filosofia, psicologia, arte, antropologia etc.

Conclusão

Diferentemente de Baudelaire (1821-1867), que em seu *Poema do haxixe* expressa um ódio e rancor morais quase ressentidos em relação ao uso de substâncias psicoativas, podemos interpretar que Benjamin (1892-1940) extraiu de tais experiências um valor e significado para o homem de conhecimento. Não é a toa que conduziu suas experiências com muito cuidado e até parece ter pretendido elevar seus efeitos ao interesse filosófico e estético. Foi inspirados nessa perspectiva que tentamos brevemente fazer algumas considerações sobre os aspectos do haxixe e suas possíveis relações com temáticas que interessariam ao pensador. Acreditamos que essas substâncias podem vir a ser consideradas instrumentos que ampliem nossa capacidade de compreensão da consciência e de certos elementos da inspiração criativa.

É provável que os efeitos acima descritos não ocorram a todos aqueles que se submeterem à experiência. O que se vê, ouve, sente e pensa corresponde a cada sujeito. O indivíduo estará enredado em si mesmo em todo o processo. Relatamos aqui as ideias, sentimentos e imagens que se mostram na mente do estudioso, do intelectual, do homem de saber, dotado de um temperamento e curiosidade peculiares. Por isso que a experiência de Benjamin revela-se interessante para todo aquele que tenha um interesse filosófico nestes estados.

²⁹ BENJAMIN, 2013, p.149.

Poderão nos objetar que não tratamos dos aspectos negativos do haxixe, já que este possui as suas depressões. Dizemos que, principalmente na experiência que relatamos, parece sempre ter havido a tentativa de uma resignificação positiva das possíveis negatividades do haxixe. Além do mais, em sua maior parte, quando não se converte num observador imparcial, Benjamin se expressa com satisfação acerca destes efeitos, dizendo até que “sou levado a acreditar que o haxixe sabe convencer a natureza a nos conceder, de forma menos egoísta, aquele esbanjamento de nossa própria existência que o amor conhece”.³⁰

³⁰ Ibid, p. 142.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. ***Paraísos artificiais***. Tradução de Alexandre Ribondi. Coleção L e PM POCKET. Porto Alegre: 2007.

BENJAMIN, Walter. ***Imagens de Pensamento, Sobre o Haxixe e outras drogas***. Tradução de João Barrento. Autêntica. São Paulo, 2013.

DE QUINCEY, Thomas. ***Confissões de um comedor de ópio***. Tradução de Ibanez Filho. L e PM POCKET. Porto Alegre: 2007.

HUXLEY, Aldous. ***As Portas da Percepção e o Céu e Inferno***. Tradução de Osvaldo de Araújo Souza. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1971.

MCKENNA, Terence. ***O Alimento dos Deuses***. Editora Record. Rio de Janeiro: 1995.